

AS COISAS DE GRANDE SEGREDO

Susanna Kruger

Cai a noite. As nuvens iam se apagando, algumas ainda alaranjadas.

Um ou outro miado fazia-se escutar.

Não havia luz elétrica. Quando escurecia, escurecia.

Dalí a pouco, rondaria a buscar por uma presa.

A escuridão é mais difícil de desbravar que qualquer mar português. Contém formas mais assustadoras que o monstrengo dos *tectos* negros do fim do mundo.

Era preciso ver para além do enxergar através do escuro. Ali, o mundo se alarga.

E larga.

O silêncio falava tão alto que era possível dança-lo.

E era nesse espaço largo e andante que esperava sua chegada.

Batem palmas. Será que alguém tinha resolvido morrer?

Abriu a porta e percebeu a presença.

- Sou sua vizinha da morada à esquerda. Será que teria uma xícara de vazio?
- Porque não entra?

Entrou o corpo que abrigava aquela voz.

Gatos de fora e de dentro desenhavam círculos, uns em volta dos outros. Era possível ver.

Então já enxergava.

- Quer cear?

- Vim pra isso.
- E a xícara?
- Vou esvaziar de palavras.

Abriu a cristaleira e serviu dois cálices de licor de cajuína. Ofereceu à vizinha. Brindaram.

- Estava te esperando.
- Eu também.
- Nossas moradas são contíguas.
- Que lugar é esse?
- É só ocupar.

O telhado estalou. Os gatos silvaram. Tinha início a ronda.

- Achei que quando viesse para cá, isso acabaria.
- Escuridão é sempre escuridão.
- Você disse que é a hora em que despertam todos os cantos daqueles que amam.

Uma voz surda soou.

- Eu caio...

Era preciso ficar imóvel e ambas o sabiam. Só as palavras podiam se movimentar sem quase da voz fazer uso.

- Cai.

Do telhado despencou uma cauda imensa e lá ficou pendurada.

- Sou eu Tatarandê. Se vier eu te arranco os olhos.

O medo tocava não só a nuca de ambas mas o copo inteiro. Beberam de uma vez o licor que desde o brinde esperava uma boca.

E a voz surda soou novamente.

- Eu caio...

- Cai.

Do telhado despencou um braço peludo e lá ficou pendurado próximo a cauda.

- Sou eu Tatarandê. Se vier eu te arranco as mãos.

- Há muito queria te convidar.

- Porque você responde às perguntas disso aí?

- Porque sou rebelde. E você também. E por isso te convidei para cear.

- Aceito.

E aceitando, tateou o espaço até chegar no livro. Afastou os talheres e a louça, subiu na mesa e se colocou na ponta dos pés. Pôs o livro nas mãos do Tatarandê. Palavras caíram sobre as duas.

Foram ambas – Nise e Maria Gabriela – à frente dos espelhos, e lá se viram no escuro.

- Que lugar é esse?

- É onde se passam os grandes segredos.